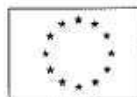




Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



**EDIÇÃO APOIADA PELO
FEDER/PORA
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO ALENTEJO**

Capa e Design Gráfico: GII Mala.

Fotografia da capa e da contracapa: António Cunha

ISSN: 0872-2250

Nº de edição: 572

Depósito legal: 66923/93

Edição: Edições Afrontamento, Lda. — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal

Telefones: (02) 529271, 594890 — Telex: (02) 591777

Impressão: Rainho & Neves, Lda. — Santa Maria da Feira

Acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual

Data de publicação: Fevereiro de 1997

A PORTA MUÇULMANA DO CASTELO DE VEIROS

A. RAFAEL CARVALHO*

ISABEL CRISTINA F. FERNANDES**

1. INTRODUÇÃO

O objecto primeiro deste estudo é dar a conhecer à comunidade científica um testemunho de alguma raridade em Portugal: uma porta de castelo, de arco em ferradura, que identificamos como muçulmana. A atribuição cultural desta porta do Castelo de Veiros ao gótico (Espanca, 1975) tem vindo a ser repetida, mesmo em publicações recentes (Lopes, 1993).

Tentaremos, a partir de paralelos arquitectónicos, apresentar o horizonte cronológico provável da construção da porta e ensaiar um modelo possível de ocupação e evolução do Castelo de Veiros, durante o período muçulmano.

Este Castelo (Figs. 1 e 2) é actualmente um recinto fortificado desabitado que ainda mantém um conjunto significativo de estruturas medievais, passíveis de uma abordagem arqueológica e permitindo uma leitura evolutiva cujos paralelos podemos encontrar em castelos muçulmanos e cristãos da Península. Contudo, só uma intervenção arqueológica de campo, direccionada para os objectivos em causa, poderá vir a confirmar com segurança as hipóteses colocadas.

* Museu Municipal de Palmela.

** Arqueóloga colaboradora do Museu Municipal de Palmela.

2. LOCALIZAÇÃO

O conjunto amuralhado localiza-se no alto de uma colina de encostas suaves que se estende para leste e onde, ao longo dos séculos, se foi organizando a actual estrutura urbana de Veiros (Fig. 3). No lado Este e para Sul abre-se um grande vale onde corre a Ribeira de Ana Loura, afluente da Ribeira de Avis que, mais a jusante, irá confluir com outros cursos de água no rio Sorraia. Este rio, ao atravessar as vastas colinas arenosas do Ribatejo, na margem sul do Tejo, vai unir-se-lhe a jusante de Benavente.

Segundo Pinho Leal (1882, p. 257), a Ribeira de Ana Loura, ou Anhaloura, era abundante em peixe. Pela riqueza das nascentes podia, em pleno verão, servir de motor a muitas dezenas de moinhos e de azenhas.

Destaque-se a excelente situação geográfica de Veiros no período alto-medieval, no eixo de ligação de Badajoz a Lisboa e Santarém pela via fluvial, através do Sorraia. De

facto, os autores muçulmanos referem que, apesar da permanência das estradas romanas, preferiam-se os cursos de rio ou ribeiro para as deslocações de homens e de mercadorias.

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Veiros foi sede de antigo concelho, extinto em 12.10.1885, passando a fazer parte do Concelho de Fronteira em 4.11.1872. Posteriormente transitou para o Concelho de Monforte, sendo finalmente anexado ao Concelho de Estremoz, onde actualmente se mantém como sede de freguesia, desde 26.9.1895.

Quanto à sua origem histórica são vários os autores que desde o século XIX afirmam a grande antiguidade da povoação, insistindo na sua origem romana com o nome de Valerius (Espanca, 1975, p. 250). Segundo este autor e Pinho Leal, o castelo, após a ocupação pelos muçulmanos, teria sido conquistado, em 1217, por Afonso II, auxiliado por cavaleiros de Avis, do mestrado de D. Fernão Anes. Seria no reinado de D. Dinis e com o consentimento régio que, em 1308, se iria reparar e adaptar o castelo sob orientação de D. Lourenço, 9.º Mestre de Avis, para as novas funções. É então construída a torre de menagem. Esta torre, a mais alta de Portugal, terá sido mandada dinamitar por D. Juan de Áustria em 1662, durante a guerra da Restauração.

4. DO CASTELO DE VEIROS

O castelo, com planta de tendência triangular, ocupa o alto de uma colina. Mantem a sua cerca medieval, amputada num dos ângulos pela implantação da Igreja matriz de S. Salvador, já mencionada em 1359 com o



- | | | |
|--------------|--------------------|-----------------------|
| 1 — Badajoz | 6 — Alcacer do Sal | * — Castelo de Veiros |
| 2 — Evora | 7 — Evora | |
| 3 — Santarém | 8 — Beja | |
| 4 — Lisboa | 9 — Mértola | |
| 5 — Palmela | 10 — Silves | |

Fig. 1 — Localização de Veiros.



Fig. 2 — Vista geral do Castelo de Veiros.

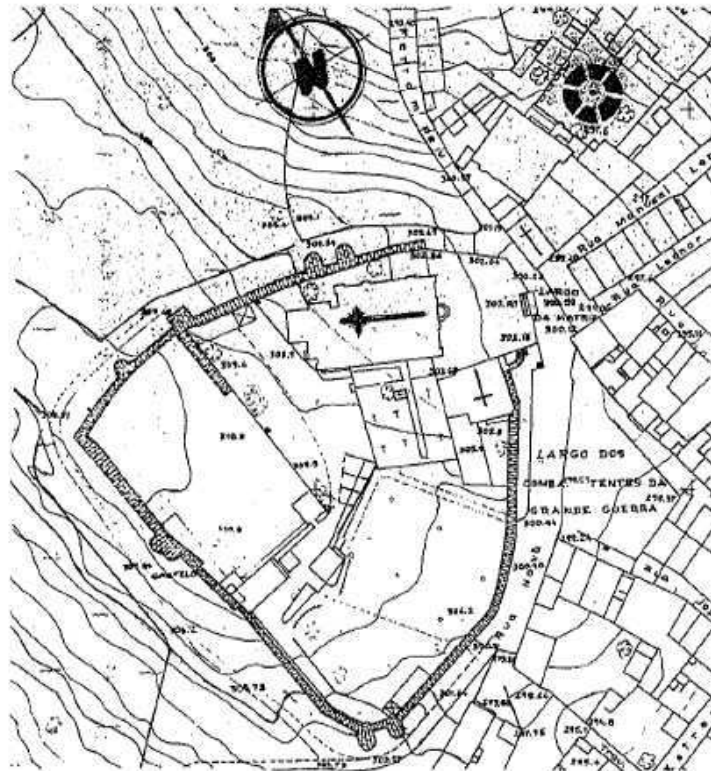


Fig. 3 — Planta do Castelo de Veiros - Carta Topográfica actual.

nome de Santa Maria Madalena. Para facilitar a leitura do monumento numerámos as torres remanescentes e as portas. As áreas funcionais no interior do castelo foram designadas por letras (Fig. 4). Na arte militar da Idade Média o emprego de portas reduzia-se ao mínimo por razões de ordem defensiva. Era, por isso, natural que se ladeasse cada porta por duas torres, no intuito de melhorar as condições de defesa, situação que se verifica no Castelo de Veiros.

As torres 1 e 2, de planta circular, defendem a porta I, objecto deste artigo. O aparelho destas torres é formado por fladas de xisto unidas por terra argilosa. A superfície exterior mostra vestígios de argamassa amarelada. Diferem das outras torres de planta circular por apresentarem maior volume. A porta I, de tipologia muçulmana, dava acesso à zona C do interior do castelo, interpretada como Medina. A torre 3 é de planta quadrangular, com um aparelho cuidado, mostrando cunhais de xisto e alguns

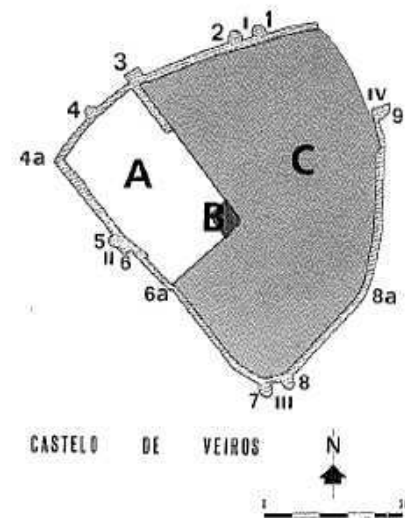


Fig. 4 — Planta Esquemática do Castelo de Veiros.

de granito. A sua posição na cerca muralhada e a mudança de direcção do pano de muralha, associadas à existência de um muro que, no interior do castelo, divide a zona A da zona C (esta a uma cota inferior), conduzem à hipótese de a zona indicada com a letra A corresponder à alcáçova e à génese do castelo. A planta rectangular desta área lembra os castelos do período Califal.

A torre 4, de planta circular, de pequena dimensão, assenta directamente sobre a rocha, talhada intencionalmente para acentuar a altura deste troço de muralha.

Na esquina que denominámos de 4A verificámos uma grande discordância no tipo de aparelho utilizado. É provável que, neste ângulo, se tenha localizado uma torre cuja planta, por comparação com castelos muçulmanos, poderia ser quadrangular.

As torres 5 e 6 são estruturas de planta circular, de menor dimensão em relação às

n.º 1 e 2. O topo das torres encontra-se ligado por um balcão de fundo fendido, com função de «mata-cães», reforçando a defesa da porta 2. Trata-se de uma abertura de tipo gótico (porta II) que apresenta a arcada talhada em granito e que actualmente está entulhada e emparedada. Junto à torre 5, na parte virada a Norte, identificámos uma canalização contígua à base da muralha.

A esquina 6A, pouco saliente, sugere concordância com a delimitação da alcáçova do castelo. É possível, tal como em 4A, que existisse aqui uma torre quadrangular.

As torres 7 e 8 são estruturas de planta circular que defendem uma porta aberta na muralha (porta III), de tipo gótico, composta por blocos de granito. É a porta utilizada hoje em dia para acesso ao interior do recinto. Em 8A vê-se, na base, um avançado (possível torre?). A torre 9, actualmente bastante danificada, onde se situa uma torre com relógio, poderia estar geminada com uma outra torre, já desaparecida, ladeando outra porta (IV) e que se designava de Porta do Sol.

O aparelho da muralha é constituído por blocos de xisto talhados, unidos por terra e argamassa. As superfícies externas mostram o xisto ordenado mas com algumas brechas, denunciando um enchimento descuidado.

O interior do recinto amuralhado foi dividido em três partes: a zona A, da alcáçova, possivelmente da fase mais antiga do Castelo. Segundo os elementos recolhidos e pela análise do aparelho e disposição das torres existentes, inserimos em B a localização provável da torre de menagem.

A uma cota topográfica inferior, em média 1 a 2 m, situa-se a área C, provável medina de Veiros, que a evolução urbana, ao longo dos tempos, transportou para fora das muralhas, delineando a traça da actual vila.

5. A PORTA I

A Porta I, objecto do presente estudo, localiza-se no pano de muralha voltado a Norte, entre as torres 1 e 2 (Fig. 5). Encontra-se actualmente emparedada e semi-enterrada pela deposição de entulhos ao longo do tempo, situação que, lamentavelmente, parece manter-se.

Uma das primeiras referências conhecidas a esta porta deve-se a Túlio Espanca (1975) que a considerou como sendo de estilo gótico, não apresentando qualquer imagem alusiva.

A partir destes escassos elementos, foi com alguma surpresa que, em visita ao castelo de Veiros, no início de 1994, deparámos com uma construção que reputamos de tipologia muçulmana.

A ausência de uma intervenção arqueológica no interior do recinto do castelo de Veiros e junto à porta que estamos a noticiar, impede a recolha dos



Fig. 5 — Enquadramento da Porta I.



Fig. 6 — Pedra da Fundação do Castelo de Veiros.

dados necessários para aferir com correcção o horizonte cultural islâmico peninsular em que esta construção se insere.

A leitura e a proposta cronológica apresentadas regem-se por um conjunto de paralelos que seleccionámos, de apoio à metodologia interpretativa seguida.

Analisemos primeiramente esta porta no contexto da representação de três portas, gravadas na pedra da «fundação» do castelo (Fig. 6), cuja autoria se deve a D. Lourenço, 9.^o Mestre de Avis, de 1308. Atribuída ao período da fundação da torre de menagem, esta pedra apresenta um baixo-relevo que exhibe três portas com arcos quebrados, de estilo gótico. Efectivamente podemos hoje reconhecer no Castelo duas dessas portas, que se aproximam estilisticamente das representadas: a porta II e a porta III. Nesta perspectiva, a Porta I, de arco em ferradura, foge ao programa construtivo do reinado de D. Dinis. As próprias torres 1 e 2, de planta circular e de grandes dimensões, aproximavam-se dos modelos muçulmanos peninsulares.

Note-se o posicionamento da torre 3, rectangular, num espaço importante de divisão da medina com a alcáçova. É a única torre com planta deste tipo.

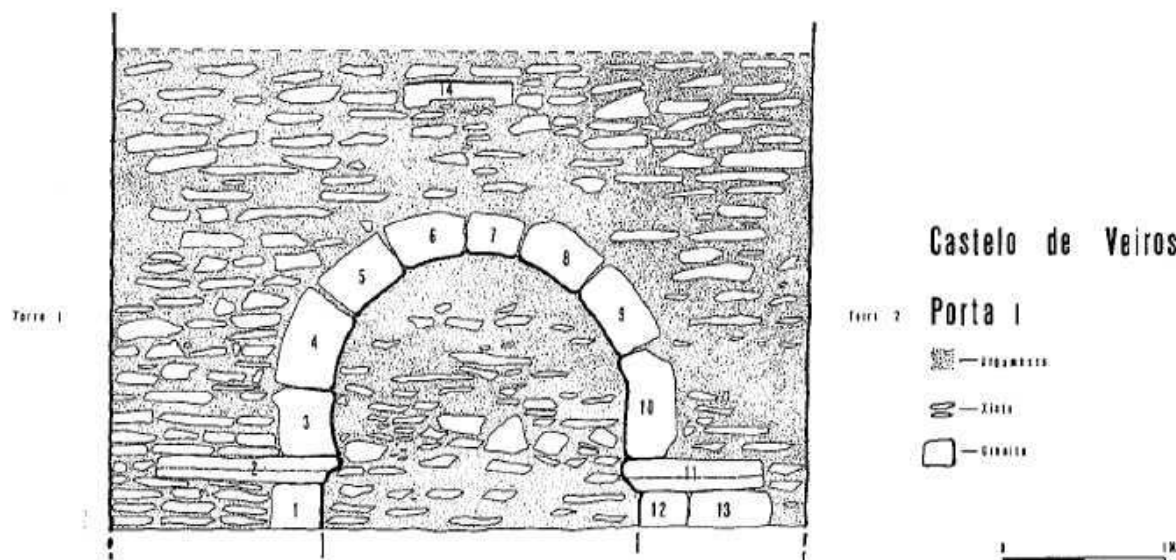


Fig. 7 — Porta I.

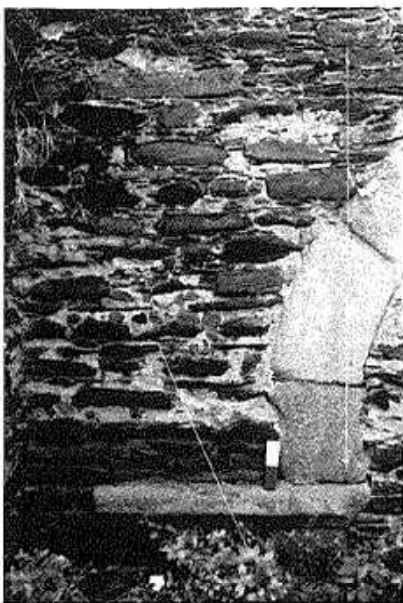


Fig. 8 — Pormenor do lado esquerdo do arco da Porta I.

196

A Porta I não poderá enquadrar-se na pretensa data — século XIII/XIV — da fundação do castelo.

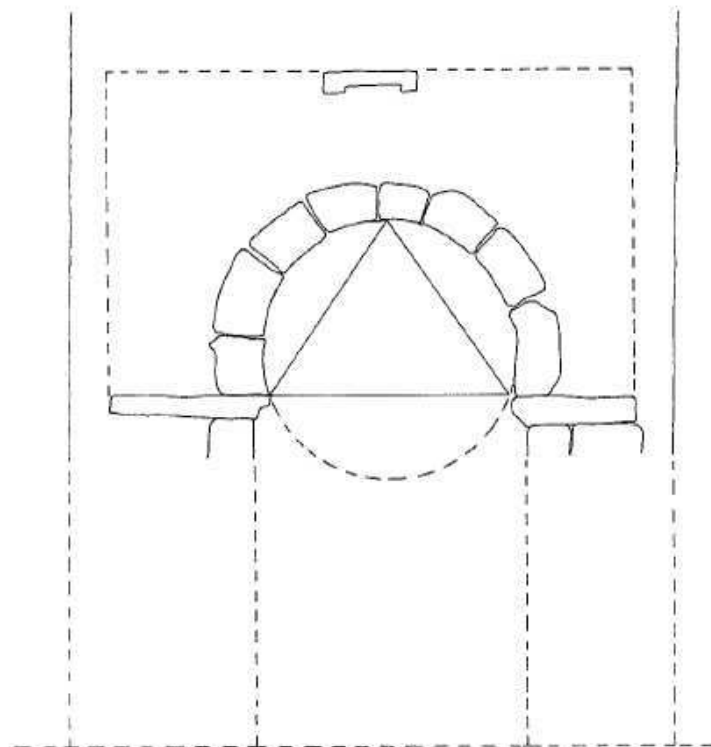
Partindo do pressuposto de que terá sido construída no período muçulmano, procurámos encontrar algumas correspondências para a configuração da estrutura.

A heterogeneidade dos arcos em ferradura, na riqueza dos seus programas estilísticos e variantes tipológicas de alguns dos seus elementos, dificultam uma leitura global. Analisemos, pois, separadamente, as várias partes que constituem o arco.

As aduelas numeradas de 3 a 10 (Fig. 7) são blocos talhados no granito, algo irregulares mas ajustáveis uns aos outros, de tamanho variável, dispostos de forma a desenharem um arco que se

prolonga além do seu diâmetro, o que é particularmente visível no lado esquerdo.

As pedras designadas pelos n.ºs 2, 11, 12 e 13, de granito, correspondem às impostas que sustentam o arco. As molduras 2 e 11, formadas por blocos monolíticos, com uma nervura em escada, medem respectivamente 110 e 89 cm de comprimento. Dos dois exemplares, o n.º 2 é o melhor conservado e mostra semelhanças a uma moldura de imposta inserida num arco ultrapassado da entrada da ponte de Mérida (Gomez-Moreno, 1951, p. 47, fig. 45). Segundo o autor essa imposta, talhada em mármore, apresenta uma moldura de aspecto clássico, adiantando a possibilidade de se tratar de uma obra goda, tendo aliás em conta o facto de esta ponte ter sido restaurada no tempo de Ervígio.



Castelo de Veiros

Fig. 9 — Arco da Porta I.

Na verdade, as impostas de Veiros afastam-se dos modelos muçulmanos correntes, tanto pela dimensão como pelo apontamento decorativo. Os emolduramentos salientes atribuem-se mais ao período clássico e visigótico ou a construções moçárabes do Norte peninsular (Arenas, 1972). Nesta perspectiva, um elemento a valorizar é a existência de vestígios romanos em Veiros, o que pode conferir alguma consistência à hipótese de se terem reaproveitado, na Porta I, materiais romanos tardios /visigóticos. De qualquer modo, este tipo de moldura pode também encontrar-se em construções muçulmanas do Emirato e Califais: Mesquita de Córdoba, Castelo de Gormaz (Lévi-Provençal, 1957, fig. 129 e 271).

Constata-se uma relativa diferença na simetria do arco, a partir da pedra n.º 8, mostrando do lado esquerdo (aduelas 1 a 5) uma sequência perfeita de curvatura e de talhe do granito (Fig. 8) e uma ligeira discordância desde a mencionada pedra, no lado direito do arco (Fig. 9). Presume-se uma intervenção posterior e intencional na estrutura, com pouco cuidado e fraca preocupação estética, com o objectivo de alargar a abertura. A pedra 13 parece surgir na sequência da necessidade de reforçar o apoio da moldura, provavelmente pelo desequilíbrio provocado. Outra possibilidade teria a ver com uma exigência de restauro após uma catástrofe natural, nomeadamente o terramoto de 1531 (Lopes, 1993).

A pedra n.º 14, horizontal ao arco e destacando-se do conjunto do actual aparelho da muralha, parece identificar-se com o resto do alfiz. O caixilho seria formado por uma flada de pedras em granito que emolduraria a porta a partir das extremidades das impostas, definindo um quadrado e mostrando-se saliente em relação ao pano de muralha. A presença de um alfiz, característica bem patente nas construções muçulmanas antigas, acrescenta argumentos à possibilidade de estarmos perante um arco muçulmano.

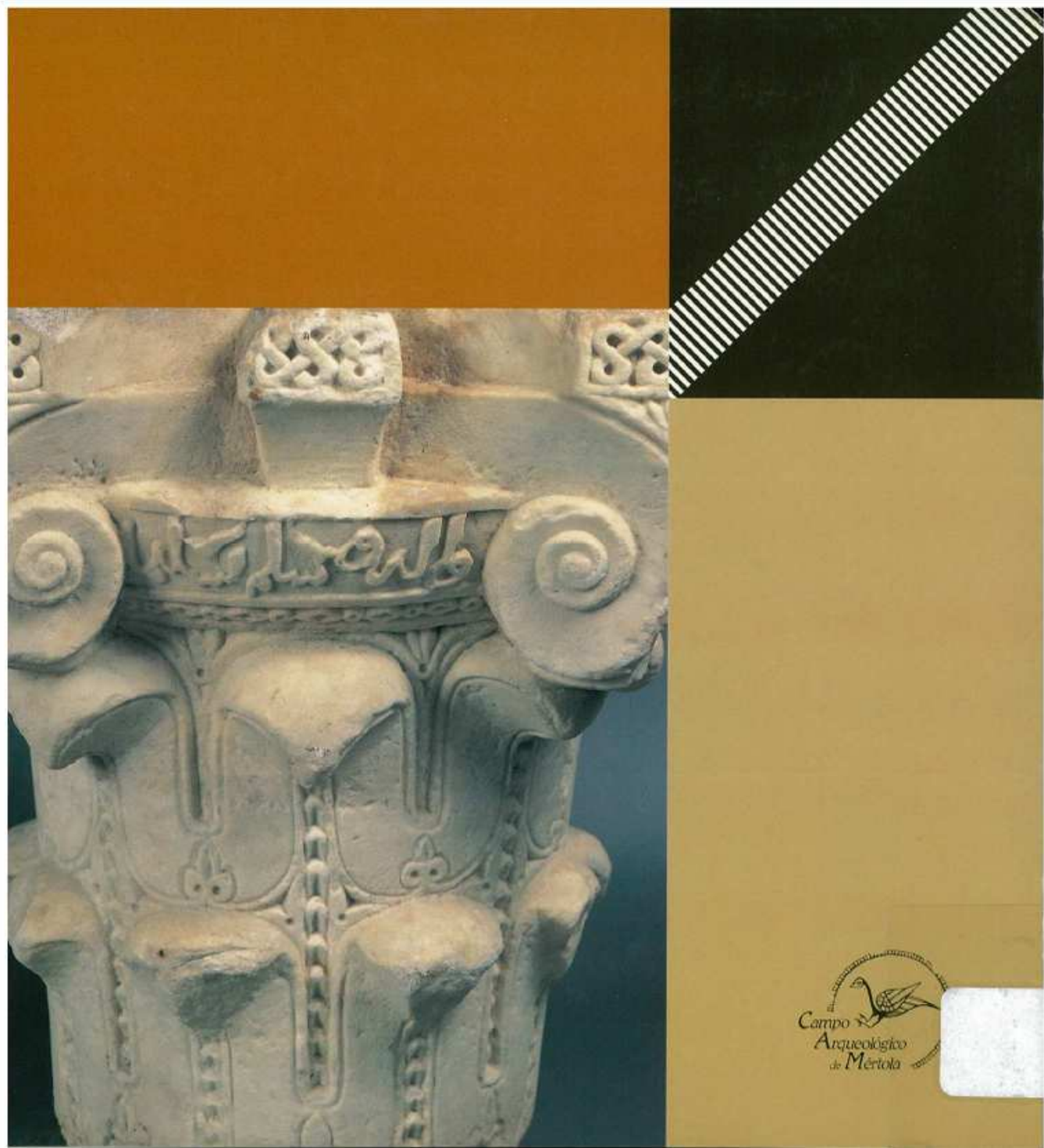
Se considerarmos como plausível a reutilização de materiais tardo-romanos ou visigóticos, parece-nos menos provável a identificação do arco no seu todo como uma construção goda. Elementos estilísticos assinalados por estudiosos deste tipo de arcatura (Granadas, 1987, p. 60-63), são dificilmente adaptáveis ao arco da Porta I. É o caso da largura entre as jambas, nitidamente superior

ao diâmetro do arco, ao contrário do que acontece nos arcos visigóticos.

Na globalidade, os dados analisados confluem para a atribuição da Porta I de Veiros ao período muçulmano, provavelmente aos séculos VIII ou IX.

BIBLIOGRAFIA

- ARENAS, José Fernandez (1972) — *La Arquitectura Mozárabe*, Barcelona.
- ESPANCA, Túlio (1975) — *Inventário Artístico de Portugal*, vol. I, Distrito de Évora (zona Norte), Acad. Nacional de Belas Artes, Lisboa.
- FERREIRA DE ALMEIDA, C. Alberto (1986) — «Arte da Alta Idade Média», *História da Arte em Portugal*, vol. 2, Pub. Alfa, Lisboa.
- GRANADAS, Jesús Avila (1987) — «Pervivencia de la Arquitectura Visigótica», *Rev. Arqueología*, Ano 2, n.º 11, Zugarto Ed., Madrid.
- GÓMEZ-MORENO, Manuel (1951) — *Ars Hispaniae*, vol. III, *El Arte Árabe Español Hasta Los Almohades — Arte Mozárabe*, Madrid.
- LÉVI-PROVENÇAL, E. (1957) — *Historia de España*, dir. Menéndez Pidal, Tomo IV — *España Musulmana (711-1031)*, Madrid.
- LOPES, Flávio et alii (coord. geral) (1993) — *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, vol. I (Distrito de Évora), IPPAR, Lisboa.
- PINHO LEAL, A. (1882) — *Portugal Antigo e Moderno*, vol. X, Ed. Fac.-Similada feita pela Cota d'Armas Ed. e Livreiros, de 1990, Braga.
- TORRES BALBÁS, L. (1985) — *Ciudades Hispanomusulmanas*, Inst. Hispano-Árabe de Cultura, Madrid.



Campo Arqueológico de Mértola